

Cara de Macaco

Apreciando detidamente nosso dinheiro podemos observar a imensa tecnologia empregada para confeccionar as cédulas: papel especial, impressão maravilhosa, marca-d'água, tarja de metal, desenho lindíssimo. A Casa da Moeda do Brasil utiliza a melhor tecnologia para que nossa moeda seja bem aceita, valorizada e respeitada. E este esmero é corretíssimo! Há que se dificultar a falsificação. Há que se ter orgulho e respeito por este bem que é o maior e o mais importante símbolo da nação. Um ente virtual delicadíssimo, que se deteriora facilmente com a inflação.

Nicolau Copérnico foi também um grande estudioso do dinheiro e escreveu em 1530: “por inúmeras que sejam as desgraças que habitualmente levam à decadência os reinados, principados e repúblicas, as quatro principais são, na minha opinião: as lutas, as pestes, a terra estéril e a deterioração do dinheiro.”¹

A enorme inflação brasileira gerou, de 1980 a 1993, 54 mudanças na política de preços, 21 propostas de pagamento da dívida externa, 16 políticas salariais, 11 índices de preços, 9 planos de estabilização econômica, 5 congelamentos de preços e salários e quatro moedas diferentes². Neste mesmo período a inflação atingiu a fantástica soma de 146 219 946 300 %, ou seja, 146,219 bilhões por cento; ou 622,514% por ano, ou 17,915% por mês.

O cuidado com a moeda deve ser permanente para que tenha expressão internacional. Sem ela, não há judiciário que funcione, nem aposentadoria, nem orçamento público ou privado, nem demonstrativos financeiros, nem cartas de fiança bancária, nem financiamento da casa própria, nem seguros, nem há credibilidade do país no plano internacional. Mario Henrique Simonsen³ dizia que a inflação corrói o tecido social. Ou seja, degrada, corrompe os costumes.

Criado em 1994, após décadas de inflação galopante, o Real começa a ser respeitado embora ainda não seja aceito na Europa nem nos Estados Unidos.

¹ -HUBERMAN, Leo, A História da Riqueza do Homem, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972, p. 95.

²Revista VEJA nº 1291, de 9 de junho de 1993, artigo "O Vampiro que Sangra o Brasil."

³ Ex-Ministro do Planejamento e da Fazenda. Um dos criadores da correção monetária, em 1964.

Mas fico contrariado ao ver a onça pintada, o mico-leão-dourado e o tambaqui estampados nas cédulas de 50, de 20 e de 10 reais. Como desculpa, explicam que se trata de uma campanha ambiental, em prol de animais em extinção. Considero válida a preocupação com o meio ambiente. Mas, sem exageros. Apenas para citar alguns exemplos: na Grã-Bretanha a efígie da Rainha é estampada no papel-moeda para dar credibilidade e nobreza à libra esterlina; nos Estados Unidos o dólar ostenta figuras heroicas como Washington, Jefferson e Franklin; na Turquia a lira é suportada pela face do grande herói Kemal Attaturk, (“atta” significa pai: “pai dos turcos”); no Paquistão a rúpia exibe o rosto do pai da pátria, Ali Jinnah; na Jordânia a respeitável face do rei Hussein. Tem sido assim, por tradição, desde Alexandre da Macedônia⁴, passando por Júlio César⁵, até os dias atuais, os rostos dos heróis, dos artistas, dos honoráveis cidadãos que se destacaram são usados para dignificar a moeda. Mas, no Brasil, temos usado a figura da onça pintada, a do tambaqui, a cara de um macaco e de outros animais para proteger e dignificar o Real. Seriam nossos homens públicos menos dignos do que esse macaco? Ou menos honoráveis do que o tambaqui? Estamos diante de uma inversão de valores. E os valores são a base da formação humana que sustenta as instituições e caracterizam a nacionalidade. Inverter valores é cultivar o desentendimento, a cizânia, a confusão na cabeça das crianças. Antes de cultivar a tartaruga, a onça pintada, o tambaqui, é indispensável valorizar nossos heróis, que servem de

4 Freitas, Fidencio Maciel de, artigo A Moeda, o Banco, o Capitalismo E o Socialismo,

www.africamae.com.br, 2011. “Alexandre, o Grande, foi a primeira personalidade a usar a moeda como veículo de propaganda, como meio de promoção de sua imagem. Após conquistar a Pérsia, em campanha que durou de 333 a 330 a.C, mandou cunhar a moeda com o seu rosto visto de perfil, utilizando-se de 30 casas de cunhagem espalhadas pela imensidão de seu reino. Após sua morte, por gerações seus sucessores continuaram a usar o rosto de Alexandre estampado nas peças cunhadas para manter-lhes a credibilidade. Mais tarde, os romanos aprenderam com os gregos e espalharam a técnica por toda a Europa. Até hoje podemos encontrar as figuras dos soberanos estampadas nas cédulas e nas moedas, como meio eficaz de promoção da imagem dos poderosos e dos heróis”

⁵ As primeiras moedas romanas traziam em uma das faces a efígie de um boi. Justifica-se pelo fato deste animal ter sido usado, por longo tempo, como unidade monetária. Desta forma, a palavra latina “pecus” significa “gado”; e a palavra “pecúnia”, que também existe em português, significa “dinheiro”.

modelo à juventude e de espelho aos cidadãos. Eles ajudam na credibilidade da moeda que, hoje, é um conceito virtual. Seriam esses bichos mais importantes do que Tiradentes, do que José Bonifácio, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Santos Dumont, Vila-Lobos, Juscelino, Guimarães Rosa, Fernando Henrique e Niemeyer, reconhecido como o maior arquiteto do mundo? Se for necessário cultuar a ararinha azul, vamos fazê-lo, mas em um plano mais modesto.

Podemos imprimir selos, adicionar frases alusivas nos impressos oficiais da República, instituir campanhas educativas para cuidar de nossos bichos.

Chega de cara de macaco. Não existe nação sem culto aos heróis: eles representam os valores humanos que formam uma nacionalidade sadia.

Fidencio Maciel, em 2 de fevereiro de 2013